



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ENRIQUE FELIPPE BONNET LICHT VI

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E- 385

Entrevistado: Henrique Felipe Bonnet Licht

Nascimento: 18/11/1921

Local da entrevista: Casa do entrevistado, Porto Alegre – RS.

Entrevistadora: Christiane Macedo

Data da entrevista: 19/02/2014

Transcrição: Bruna Tomaschwski Perla

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 18 minutos e 59 segundos.

Páginas Digitadas: 7 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Motivação da criação de seu acervo pessoal; Materiais mais importantes do acervo;
Doações já realizadas; Conservação antes da doação; Diferentes tipos de acervo;
Constituição dos acervos; Interesse pelos acervos; Exposições realizadas com o acervo;
Pesquisas com o acervo.

Porto Alegre, 19 de fevereiro de 2014. Entrevista com Henrique Felipe Bonnet Licht a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Dr. Licht, em primeiro lugar, eu gostaria agradecer mais uma vez o seu depoimento. Esse é para registrar sobre o seu próprio acervo, muito dele foi doado para o CEME, mas tem outras partes com contribuições por toda Porto Alegre. Eu gostaria de perguntar como iniciou o seu interesse pelo esporte, como foram obtidas as primeiras peças e em que época isso aconteceu?

H.L. – Creio que a motivação foi o fato de desde menino, ter sido levado por meu pai ou por meus tios para assistir competições esportivas, especialmente de remo, futebol, natação, polo aquático, saltos ornamentais, atletismo, bolão e tiro. Na infância, e parte da adolescência, na Praça dos Navegantes¹, diariamente eu jogava futebol, e nos fins de semana assistia partidas entre clubes de fábricas. A pesca no Guaíba era comum, e algumas vezes nos banhados do Mato do Antero (início da Rua São José, atual Frederico Mentz). O fato de meu pai e tios serem associados de vários clubes facilitou a minha presença em competições e eventos diversos, e ter conhecido muitos líderes esportivos, idealistas e criativos. Participei da solenidade de inauguração do pavilhão do Clube Veleiros do Sul, no Saco dos Navegantes, em 31 de março de 1935, convidado por Hugo Baumann, consagrado remador do Almirante Barroso², e destacado velejador. Mas na realidade, o fator decisivo pelo meu interesse nos esportes foi em 1950, com o ingresso na ESEF³, e aos professores das disciplinas de História e Organização do Esporte, Dirceu Gay Cunha pelo incentivo às pesquisas, e de Estatística, Arno Tschiedel, pela avaliação e sintetização de trabalhos nas áreas de esportes e educação física. Considerando que eu já guardava programas de competições esportivas, passei a valorizar ainda mais os meus documentos esportivos. Recebi a colaboração de parentes e de amigos, e alguns deles continuam contribuindo. Somente alguns, pois a maioria já morreu. Todo o meu acervo esportivo e de outras áreas já foi doado.

C.M. – Quais foram as peças mais importantes que o senhor considera?

¹ Em Porto Alegre.

² Clube de Regatas Almirante Barroso.

H.L. – Julgo que a peça mais importante, recebi da professora Gilda Barbosa, sobrinha do glorioso atirador Dario Barbosa, a medalha de bronze, equipe de tiro esportivo, nos Jogos Olímpicos de Antuérpia em 1920. A primeira conquistada por atletas brasileiros. Meses após, o destaque da Exposição sobre Jogos Olímpicos, que realizei na Sociedade de Ginástica Porto Alegre, a SOGIPA, no Salão de Esgrima, foi a medalha de Dario Barbosa. Na ocasião, sua sobrinha ficou tão emocionada e agradecida às referências elogiosas ao tio, que, dias depois, doou-me a medalha de participação naqueles Jogos, uma série inédita de fotografias (postais) feitas pelo próprio esportista, seu passaporte, a planilha premiada no tiro, e um cardápio do navio que transportou a delegação brasileira. Posteriormente, esse valioso conjunto foi todo doado ao CEME.

C.M. – Sobre o acervo do remo, a gente tem no CEME muitos itens doados pelo Senhor. De onde vieram tantos programas de regatas?

H.L. – Disseste que no CEME há muitos documentos sobre o remo. Ocorre que em dezembro de 1997, eu havia doado ao Museu do Grêmio Náutico União, a maior parte do meu acervo sobre esse esporte - 1734 itens devidamente classificados pela museóloga Vera Sparangio Rangel, dos quais 904 eram programas de regatas. Era a fase de consolidação do Museu do União. Graças aos amigos de meu pai - a maioria, vinculados ao remo - recebi muitos programas antigos. Desde o fim da década de 1920, eu já guardava os programas de regatas, e meu pai e tios tinham programas do decênio anterior. Os mais antigos eram de regatas em 1899 e 1900. Do jornalista esportivo Túlio De Rose eu recebi cerca de 20 programas antigos. Recentemente, reuni todo o material histórico que tinha sobre o remo, e ainda era usado em exposições, e doei ao CEME, assim como documentos de outros esportes e educação física.

C.M. – E esse acervo o senhor sempre guardou na sua casa?

H.L. – Sim, no meu gabinete. Era um acervo considerável, sempre aumentado durante as viagens, entre os quais: distintivos, medalhas, selos, mascotes, ingressos, livros e revistas. Em certo período, tive o apoio notável de Eduardo Henrique De Rose, meu distinto amigo,

³ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

e de sua esposa Regina⁴. Eduardo é, sem dúvida, um destacado participante de Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno, e do casal ganhei várias peças. João Havellange me presenteou com 18 volumes de itens esportivos diversos, todos transferidos, meses após, para o acervo do CEME, e devidamente registrados. Julgo que ele não aprovou a doação, pois quando soube, suspendeu as remessas. Tentei justificar, mas sem êxito.

C.M. – A gente no CEME considera o senhor o nosso Garimpeiro de Memórias.

H.L. – E eu gosto muito disso [RISOS].

C.M. – Então, como o senhor vê o reflexo desse trabalho? Foi um trabalho de uma vida inteira e como o senhor tem recebido essa influência no campo?

H.L. – A memória em todas as áreas, especialmente no esporte, é muito valiosa. No Rio Grande do Sul, existe uma memória esportiva notável e diversificada, porém, lamentavelmente, até hoje não temos o Museu Estadual do Esporte, nem o Museu Municipal de Esporte de Porto Alegre, embora, há muitos anos, criados por decretos e leis, mas apenas a legislação. É uma lástima, pois teríamos acervos notáveis. Graças à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, à Escola de Educação Física e, especialmente, à equipe do Centro de Memória do Esporte (CEME), coordenada com muita dedicação e criatividade pela professora Silvana Vilodre Goellner, a implantação gradativa de um Memorial Esportivo tornou-se realidade. A credibilidade no CEME incentivou doações variadas. Todos confiam, vibram e sonham com o futuro do CEME. Eu pretendia fazer a doação de meu acervo, e quando conheci o CEME e a Silvana, minha decisão ficou facilitada. E foi o que fiz em 18 de novembro de 2002, entregando na ESEF, à magnífica reitora Wrana Maria Panizzi, o acervo de 7905 itens, já devidamente classificados. Minha decisão mostrou-se absolutamente correta. Prossegui realizando doações periódicas, já tendo superado 17.000 itens. Tenho procurado influenciar muitos dirigentes e atletas sobre a importância de suas doações ao CEME, e muitos deles já são colaboradores. Mas o número ainda deve e pode aumentar significativamente.

C.M. – Sobre as peças, tem alguma delas, das quais o guarda histórias curiosas?

⁴ Regina De Rose.

H.L. – Talvez o programa da Regata do Campeonato Brasileiro de Remo de 1933, em Porto Alegre, na Raia dos Navegantes, e a chegada no Trapiche Preto⁵. Foi o primeiro Campeonato Brasileiro de Remo não realizado no Rio de Janeiro, graças ao prestígio do capitão Darcy Vignoli, presidente da Liga Náutica Rio Grandense, junto ao Presidente da República Getúlio Dornelles Vargas, e à direção da Confederação Brasileira de Desportos - CBD. Entre a entrada do Trapiche Preto e a rua Voluntários da Pátria, havia um grande depósito de lenha, um labirinto com cerca de dois metros de altura. As autoridades e convidados chegavam de automóvel e tinham que atravessar o labirinto. A maioria chegava nos bondes Navegantes, São João e Regatas, com ponto de parada em frente ao depósito de lenha. Para distribuir o programa oficial da regata - Liga Náutica- , o Vignoli convidou-me, devendo usar o uniforme de gala do meu Ginásio, o Anchieta⁶. Foram também convidados dois amigos alunos do Ginásio Rosário⁷. Além de distribuir o programa, devíamos conduzir as autoridades e convidados através do labirinto, até o portão de entrada do Trapiche Preto, além de buscar no economato da sede vizinha do Clube de Regatas Porto Alegre, os balaios com refrigerantes - Alcina e Gasosa- , pastéis, empadas e sanduíches. Ernesto Capelli e Mário N. Medeiros eram os encarregados de conduzir as autoridades até a tribuna de chegada, e também os responsáveis pelo chopp, foguetes e hasteamento das bandeiras das guarnições dos Estados e clubes participantes das provas, os páreos. Creio que nossas tarefas foram cumpridas com êxito, pois além do agradecimento pela colaboração, Vignoli convidou-nos para atuar nas regatas seguintes. Esse trabalho foi marcante para mim e muito honroso, eu tinha apenas 11 anos.

C.M. – Gostaria que o senhor falasse mais da distribuição do seu acervo.

H.L. – Do acervo esportivo, a primeira doação foi ao Henrique Amabile quando começou a organizar o Museu do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, no início da década de 1960. Uma coleção de revistas do Grêmio, uma medalha do cinquentenário, e várias reportagens e recortes de jornais. No dia 6 de fevereiro de 1985, após realizar a Primeira Exposição Histórica Nossa Senhora dos Navegantes, na Praça dos Navegantes, fiz a doação de todo o acervo da exposição ao provedor da Devoção, para a criação de um Memorial. Em

⁵ Local onde chegava as embarcações.

⁶ Colégio Anchieta.

dezembro de 1997, doei ao Grêmio Náutico União a maior parte de meu acervo de remo - 1734 itens. Recentemente, doei ao Museu da Câmara Municipal de Porto Alegre, 14 pastas com documentos históricos sobre a Capital - 2.612 itens, e a seguir, nova doação - 58 placas de papel-cartaz com documentos históricos sobre o Rio Grande do Sul e a Revolução Farroupilha. Doei, também, ao Museu do União 18 monografias, todas vinculadas à história do clube, e dois livros: - 2007 - 10/12 - "Ruder Verein Freundschaft – Grêmio Náutico União - Jubileu de Prata - 1906/1931" - 247 páginas; e em 2013 - 05/11 - "Grêmio Náutico União - Sede Ilha do Pavão - 1950/2000", em três volumes e 259 páginas (122, 67 e 70), e os direitos autorais sobre os mesmos. Minha última doação ao CEME, a 29ª - 115 monografias diversas, a maioria sobre esportes, e uma coleção de 100 distintivos esportivos, além de revistas, reportagens e recortes de jornais. Ao Grupo Escolar Uruguai, doei oito folhas de papel-cartaz com seis plantas, 34 fotografias e postais, além de um CD e um cartaz, todos do Uruguai. Tenho, ainda um acervo de 125 folhas de papel-cartaz com documentos históricos variados sobre o Guaíba, Parque Estadual Delta do Jacuí, e as Ilhas. Pretendo doar à UFRGS. Com relação ao CEME, espero em breve fazer a 30ª doação.

C.M. – Em algum momento tentaram comprar este acervo?

H.L. – Comprar, uma vez. O advogado de um colecionador nortista mostrou interesse em adquirir minha coleção dos Jogos Olímpicos, especialmente a medalha de Dario Barbosa. Obviamente, recusado. Houve também, propostas para organizar em parceria, um Memorial dos Jogos Olímpicos. Além de outras propostas muito vantajosas. Ocorre que fiz cursos na UFRGS, assim como minha esposa e nossos quatro filhos. Lecionei da ESEF/UFRGS, fui Coordenador do Centro Olímpico⁸, e Assessor Esportivo de Reitores. E quando conheci o CEME e seus sonhos, a minha decisão foi imediata - a doação do meu acervo esportivo, e de tornar-me um colaborador efetivo.

C.M. – Esse acervo já passou por algum perigo de chuva ou outro?

H.L. – Sim, já. Com o acervo organizei 47 exposições, a grande maioria sobre Jogos Olímpicos. Todas amadoristicamente. Em cinco delas, sumiram sete peças.

⁷ Colégio Marista Rosário.

⁸ Órgão auxiliar da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

C.M. – Por roubo?

H.L. – Não considero ter sido roubo, mas o desejo de ter uma recordação: três mascotes, um discóbolo, dois medalhões de Sapporo⁹, e um cartaz, além de uma reportagem que criticava o COB¹⁰. Os êxitos das exposições compensaram as perdas dos objetos. Nunca foram colocados dispositivos de segurança constrangedores, pois o objetivo maior era confiar e educar, sendo atestado pelos milhares de visitantes que conheceram melhor e vibraram com a história esportiva. Houve também perdas por goteiras, ventos e raios solares. A minha primeira e grande exposição foi em 1959, foi no antigo Mata Borrão¹¹. Fizemos durante dez dias uma exposição, cerca de vinte mil pessoas, foi um sucesso absoluto, inaugurado pelo governador, com a tentativa de chamar atenção para o esporte. Não desapareceu uma única medalha, a que desapareceu foi porque estava muito exposta. Era um conjunto de medalhas do campeonato brasileiro de futebol de salão, de modo que não me criou problema nenhum, todos compreenderam.

C.M. – E sobre as pesquisas, já fizeram muitas no seu acervo?

H.L. – Gradativamente, tem aumentado. A maioria ligada ao remo e sobre histórias dos esportes. A importância de museus temáticos é sempre evidenciada, não somente na área esportiva, mas em todas as áreas. Exemplo - o extraordinário Teatro São Pedro, e em breve o Multipalco, graças ao idealismo e determinação de Eva Sopher.

C.M. – O senhor quer registrar mais alguma coisa sobre o acervo?

H.L. – Eu quero felicitar o dinamismo da equipe do CEME, e os votos que continuem com esse entusiasmo e mantenham a significativa participação nas atividades da UFRGS. Concluindo, meu acervo teve a destinação correta.

C.M. – Dr. Lichr, em nome do Centro de Memória do Esporte, agradeço sua atenção em nos possibilitar o registro de mais uma entrevista. Muito obrigada.

⁹ Cidade do Japão, onde ocorreram os primeiros Jogos Olímpicos de Inverno em 1972.

¹⁰ Comitê Olímpico Brasileiro.

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹¹ Prédio no centro de Porto Alegre.